



**DE SANTA MARÍA A MADRID**  
**POTÊNCIAS DE UMA VIDA**

**Máximo Daniel Lamela Adó**

## Imagens | José Fernandes

(detalhe: De corpo inteiro 1, 2015, acrílica s/ tela)

Polichinello

Uno, dos, tres, cuatro, cinco, seis, siete, ocho, nueve, diez, once, doce, trece, catorce, quince. Permitam-me essa contagem! Pretendo começar a leitura evocando certo vazio sustentado no ritmo cadente dos números. Pode ser quinze segundos de interação com o desconhecido, ou apenas uma atenção expectante antes de uma fala com certa direção, pode ser como os vinte centímetros que separavam, no planisfério de Jorge Malábia, Santa María de Madrid (Onetti, 2006, p.373), em todo caso é disso que se trata: de dar ênfase a interação contra a representação, à aliança contra a filiação, à lateralidade contra a verticalidade.

Sabe-se, com a leitura que Deleuze faz de Espinosa, que toda potência é ato, que toda potência é inseparável de um poder de ser afetado. E esse poder encontra-se, necessariamente preenchido por afecções que o efetuam (Deleuze, 2002, p.103). O afecto de Espinosa está nessa capacidade de afetar e ser afetado. “Se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir de nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente” (Spinoza, 2007, p. 176-177).

Em entrevista concedida à María Esther Gilio em 1965, ao ser questionado por que escreve, Onetti responde: *Escribo para mí. Para mi placer. Para mi vicio. Para mi dulce condenación.* Mais adiante, na mesma entrevista, ela lhe pergunta se fazia algum plano em sua escritura e se sabia exatamente aonde queria chegar e ele responde: *Sé qué va a pasar. No sé cómo va a pasar. Si supiera cómo va a pasar no lo escribiría* (Gilio, 2009). Onetti não escreve para contar uma história vivida ou vivível (Deleuze, 1997, p.11), não escreve para representar algo impondo uma forma de expressão filiativa e comprometida com uma estrutura organizacional de seus escritos, ou com algum conhecimento prévio daquilo que vai desdobrar na escritura. Ou seja, sua escritura é um processo e, como processo, não se efetua como modelo ou a partir de modelos. É uma passagem de Vida (ib., p.11).

Arrisco dizer que a escritura onettiana é uma aliança recíproca com outras escrituras como também a outras coisas, entendendo a escritura e as coisas por um psicomorfismo universal (Tarde, 2007, p.65). Aliança, pois não se trata de uma relação de descendência, arborescente, uma vez que é refratária a hierarquias; não caberia dizer que a sua escritura seja filiativa, ela está sempre no *intermezzo*, não começa e nem conclui por meio de uma interatividade constante. É recíproca, pois, respeito à ideia de que sua escritura considera a diferença como relação e a relação como diferença. A relação como dinamismo de uma potência e não como atributo de uma essência (Vargas, 2007, p.39).

A noção de reciprocidade estaria na ideia de que a escritura onettiana assume uma relação de aliança com outras escrituras e produções artísticas, e nessa relação há a reciprocidade como articulação de perspectivas, sempre como conjunção e movimento, numa ontologia fractal onde existir é diferir (Deleuze e Guattari, 1995, p.37; Castro, 2009, p.99).

Gosto da ideia de que para Onetti “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze e Guattari, 1995, p.13).

Carlos Maggi, ao escrever algo a partir dessa potência de vida, a de Onetti, oferece-nos, no campo do imaginário e do afetivo, índices de um corpo perdido e agora recuperável como um simples plural de encantos (Perrone-Moises, 1983, p.9-19). Escreve Maggi a partir da afecção onettiana:

Detiene la noche y sobre un cuaderno escolar, con letra torpe,  
enciende una lámpara y cambia, inventa, compone, provoca la  
vida dentro de su vida.

Al escribir finge sinceramente no tener nada que ver con lo que está pasando en ese lugar remoto donde sobrevive.

No toma partido en lo que cuenta. Cuenta para nada, por el puro goce de contar y ser contado; por endiosarse; como quien hace el amor.

Noveliza para duplicar la vida. (Maggi, 1967, p.97)

Aliás, esse é um dos mais belos textos que li sobre Onetti, um biografema, como diria Roland Barthes. E é disso que se trata; a beleza do texto está no prazer de uma leitura, e esse prazer por si, é todo o seu valor. É lendo seus textos e exercendo sobre eles uma vidência que procure unicamente a sua felicidade de escrita que a escritura de Onetti se dá como uma aliança recíproca (Barthes, 1979, p.15).

Começar a escrever sem se tomar por um outro?, pergunta-se Roland Bathes (Barthes, 2003, p.115), parece-me impossível. Maggi é tomado pela atmosfera onettiana para escrever isso que lemos acima, Onetti afz aliança com coisas, pessoas, literatura e arte que o afeta e, com ele mesmo como Outro, ao escrever cartografando regiões por vir.

Em Onetti, o único valor que parece estável, é o da escritura como possibilidade de doação de sentido. “A escritura é aquela linguagem única, indireta, auto-referencial e auto-suficiente que caracteriza o texto poético moderno” (Perrone-Moisés 1983, p.53). De qualquer modo, é isso que nos importa, a sua escritura. O seu nome apenas como um efeito implicado na mesma; ao falar em Onetti pôr em cena uma enunciação e não uma análise; falar o seu texto como uma verdade de linguagem, produzindo uma transmigração, ou transubstanciação de fragmentos dessa escritura em nossa própria cotidianidade. E assim passamos a viver onettianamente, e nessa aliança recíproca havemos de ter uma outra escrita, a

escrita de outros em nossa vida. Quando lemos a Onetti somos afetados por um falso Faulkner (Deleuze, 2006, p.115), um falso Celine, um falso Cervantes; é sempre a substância do escritor a tornar-se outra em uma transmigração recíproca e infinitesimal. E é essa a afecção potente da vida de Onetti, como de outras tantas vidas, que efetua sua escritura como um projétil, uma máquina de guerra que contra verdades estáveis foge sem parar. Se Onetti pudesse viver em Santa María, a sua Santa María, inventaria uma Montevideu (Barnechea, 1998, p. 203), assim como a inventou em *El pozo*, ou ainda a inventada Madrid de *Presencia*. Não vejo como engajar-me numa leitura em que Vida e Obra possam ser tomadas em separado, ou ainda uma como derivada ou causa da outra. Diferentemente disso, a leitura se dá por meio de atos de mutação, nos quais lê-se vida e obra engajadas na mentira, no disfarce, no mascaramento, como a *Vidarbo* que nos sugere Sandra Corazza (Corazza [texto dig.]). O que significa pôr vida na obra, operando por meio da divisão e despersonalização do Sujeito que vive e escreve, e que realiza Escrita e vida. Deste modo, através da fragmentação do Autor da Vida, cria-se o narrador da obra, e pela pulverização do Narrador da Obra, inventa-se o Autor da Vida. E assim, tem-se a escrita de Outrem como a expressão de um possível. E Outrem, não é sujeito ou objeto, como o outro cartesiano que é sempre a representação de um eu. O outro, sempre que tematizado, será tomado a ser representado e assim iguala-se o diferente para tematizar sua diferença por meio de uma identidade. Na lógica da identidade-diferença, tem-se como fundo o mundo do modelo e da estrutura; no entanto, outrem, seria pensado a partir da diferença-pura, isto é, pensar a diferença, não a partir de uma similitude ou de uma identidade preliminar, mas, ao contrário, pensar a similitude e mesmo a identidade como o produto de uma disparidade de fundo (Deleuze, 2003, p.267). Outrem é antes de mais nada, esta existência de um mundo possível, tal como existe num rosto que o exprime, e se efetua numa linguagem que lhe dá uma realidade (Deleuze e Guattari, 2004a, p.28).

Em *El pozo*, publicado em 1939, podia-se ler, na fala de Eládio Linacero: Es cierto que no sé escribir, pero escribo de mí mismo (Onetti, 1965, p.8). Apraz-me a ideia de ter essa fala do narrador de *El pozo*, como axiomática para a literatura onettiana. De Santa María a Madrid, o que temos são fantasias de escrituras, as de um Onetti sempre outro e sempre a reinventar-se como um demiurgo a governar sua dramaturgia (Adó, 2008, p.70-71).

Em uma crônica publicada em *Semanario Marcha* entre 1939 e 1941, sob o pseudônimo de Periquito el Aguador e intitulada “Retorica Literaria”, Onetti ou Periquito, recorre a uma fala de André Maurois, que ao ingressar na Academia Francesa de Letras em 1938 disse em resposta a pergunta: Qual é o segredo de seu êxito? E Maurois responde: Muito simples, eu tenho durado. Durar, na literatura, é para Onetti, uma doce condenação. E ele assim interpreta a fala de Maurois:

Durar frente a un tema, al fragmento de vida que hemos elegido como materia de nuestro trabajo, hasta extraer, de él o de nosotros, la esencia única y exacta. Durar frente a la vida, sosteniendo un estado del espíritu que nada tenga que ver con lo vano e inútil, lo fácil, las penas literarias, los mutuos elogios, la hojarasca de mesa de café.

Durar en una ciega, gozosa y absurda fe en el arte, como en una tarea sin sentido explicable, pero que debe ser aceptada virilmente, porque sí, como se acepta el destino. Todo lo demás es duración fisiológica, un poco fatigosa, virtud común a las tortugas, las encinas y los errores (Onetti, 1976, 21-22).

Durar para escrever. Escrever para deixarmos de ser o que somos; para ser outra coisa para além do que vimos sendo (Kohan; Larrosa, 2004, p.5). O “durar frente a un tema” pode ser lido como uma operação circular e artística da vontade

de potência. Sempre a se reinventar novas possibilidades de vida a partir daquilo que arduamente se repete. E assim querer e desejar afirmativamente essa repetição é ser conduzido para um confronto não só com aquilo que eleva o espírito, que o faz voar, mas sobretudo com o que há de mais baixo e vil. E é no encontro com aquilo que há de mais leve e pesado que a afirmação da vida se dá. Desse modo, ao invés de um capricho artístico, a estética passa a ser a própria experimentação da vida enquanto arte, e é aí que a vida torna-se, enfim, uma obra de arte (Costa, 2006).

Assim, a literatura passa a ser um espaço potencial de vida. Ela passa a ser traçada a partir de um universo de partilha, ou, como chamamos acima, de alianças recíprocas. Onetti cria seres demasiadamente vivos para serem vivíveis ou vividos (Deleuze e Guattari, 2004a, p.223). Onde estão, Díaz Grey, Jorge Malabia, Larsen, Brausen, Petrus, Eládio Linacero, habitantes de Santa María, Montevideo, Buenos Aires ou Madrid? Como dizem Deleuze e Guattari, a respeito das criaturas de Faulkner, Proust ou Virgínia Wolf, “no final das contas, há aproximadamente a mesma relação entre o cão-animal que late e o Cão constelação celeste (Ib. p. 223). Onetti torna um momento do mundo durável e o faz existir por si (Ib. p. 223), eliminando tudo que é resto e morto em sua vida, transformando-a, fazendo-a existir de outro modo, constituindo-a como objeto de uma mais-valia absoluta que pode ser obtido pelo lucro de sua escritura; durando, aumentando afirmativamente sua jornada de trabalho como escritor. Ao escrever *Presencia*, que é publicado em 1978, por exemplo, inclui momentos absurdos de sua vida e os satura, como na seguinte frase de Jorge Malábia: Sólo en los insomnios me permitía saber que no era feliz y extrañaba. En mi planisferio veinte centímetros separaban Santa María de Madrid. (Onetti, 1999, p.415)

Pela escritura entra na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça, correndo o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço. Passa do Eu



ao Ele, de modo que o que lhe acontece não acontece a ninguém, e é anônimo pelo fato de que diz respeito somente a uma disseminação infinita (Blanchot, 1987, p.24).

Uno, dos, tres, cuatro, cinco, seis, siete, ocho, nueve, diez, once, doce, trece, catorce, quince, dieciseis, diecisiete, dieciocho, diecinueve, veinte. En mi planisfério veinte centímetros me separan de Onetti.